



Literatura fantástica à brasileira

A seita do caos, de J. P. Balbino

Eduardo Martins Timbó*

O que se espera de um autor em seu livro de estreia? Muitos diriam, uma obra sem consistência e sem estilo bem definido. Outros arriscariam, o primeiro passo, aquele que traz o autor pela primeira vez até o olhar do público e da crítica. São visões que apresentam, apesar de suas particularidades de interesses a serem satisfeitos, o mesmo sentimento de espera.

Destarte podemos inferir que de um autor em sua estreia não se espera apuro técnico ou refinamento, que poderão ser melhor observados na continuidade de sua produção. Mas há inegavelmente o gesto inaugural, aquele que instaura os primeiros traços, os primeiros passos, através dos quais seremos capazes de reconhecer os contornos do autor e de sua obra.

Em *A seita do caos*, primeiro livro de J. P. Balbino, nitidamente se desenha esse embate de visões através de sua narrativa dinâmica, cheia de reviravoltas, envolvida por uma boa dose de suspense e ação. A trama se distribui em onze capítulos que se esmeram em demonstrar um certo ar de equilíbrio e maturidade, ainda que se trate de uma estreia.

O autor procura recriar “um futuro nem tão distante”, recentemente “curado” das ações de um vírus devastador que atingiu toda a humanidade. Acrescente-se a esse dado um outro, uma

* Mestrando em Literatura Brasileira (UFRJ).

Ordem secreta que se encontra por trás da disseminação desse vírus e um médico, transformado em herói, mas amargurado, carregando no íntimo um segredo: o de ter descoberto não a cura, mas apenas um paliativo para esse vírus.

O vírus Ius teria sido disseminado pela Ordem Orbes Lucis, obedecendo a uma estratégia de preservação da espécie através dos princípios da Teoria do Caos. Dessa forma nos é explicada a teoria que procura compreender a encadeação de determinados fenômenos promovendo uma reação em cadeia, gerando um outro fenômeno e, por conseguinte, outra cadeia de reações.

A relativa paz se estabelece no mundo, mais especificamente na cidade imaginária de Porto Montes, onde se desenrola a trama, após a descoberta da cura do vírus pelo doutor Klaus Lennertz e sua equipe. Porto Montes é o palco onde o médico e sua namorada Aline vivem junto a hackers, cybers, personagens que compõem esse universo urbano. Ambos trabalham em um centro específico para tratamento e pesquisa do vírus, o CECI, local onde também trabalha Carlos, o primeiro a se deparar com o possível retorno do vírus.

A quietude inicial é quebrada quando Klaus recebe ligações de Carlos comunicando o aparecimento de um paciente contaminado pelo vírus, já passados meses após a descoberta da cura. Fato que não assombra de todo Klaus, que sabia e temia em seu íntimo que tal situação pudesse ocorrer. No mesmo instante, recebe uma misteriosa mensagem no celular de um personagem que assumirá papel essencial na amarração da trama: Leonardo Cass.

A partir de então Klaus, sua namorada Aline e todos que estão próximos acabam se tornando alvos dos ataques de um grupo desconhecido. Ataques que nem Klaus nem Aline imaginam a que se devam e, para ajudar a solucionar o caso, pedem ajuda ao irmão

do médico, Kaio Lennerts, um dos atuais líderes do crime em Porto Montes. A partir de então empreendem uma fuga e uma busca desenfreadas por informações que os levem a entender o que está havendo, qual a ligação entre os ataques e o reaparecimento do vírus.

Tal é o universo com o qual o leitor se depara em *A seita do caos*. Um enredo costurado de forma simples e dinâmica, valendo-se como substrato de uma teoria de cunho filosófico bastante afeita ao universo da ficção que explora o suspense, a aclamada Teoria do Caos, sobre a qual é feita referência já na orelha do livro.

O personagem Leonardo Cass, agora devidamente apresentado a Klaus e seus amigos, pergunta-lhes se já ouviram falar da Teoria do Caos. Aline responde por todos, “sim”, somente Kaio demonstra desconhecer-la. A desinformação de Kaio acaba tornando-se emergencial para que Cass ofereça a todos, inclusive a algum leitor mais desavisado, uma rápida explicação sobre a teoria em tom professoral:

Segundo a Teoria do Caos, Kaio, qualquer ação, quando realizada, libera uma energia no ar. Essa energia é reaproveitada pela natureza para poder concretizar uma outra ação. O típico exemplo é o bater de asas de uma borboleta no extremo do globo terrestre, que pode, assim, provocar uma tormenta no outro extremo – explicou Cass (p. 91).

No entanto, uma outra teoria também permeia a ficção de estreia de J. P. Balbino, apesar de passar mais despercebida em relação à Teoria do Caos: é a teoria da conspiração. Grosso modo, a teoria da conspiração costuma obedecer a um trinômio que reuniria uma sociedade desatenta de um lado, do outro uma “sociedade” pretensamente secreta, a *Orbes Lucis*, que se organiza minucio-

samente no intuito de re-organizar ou resguardar um certo valor ético ou moral a qualquer custo, e por fim o agente desmascarador da farsa, ou, se preferirmos, da conspiração. Esse seria o papel do herói, no caso, Klaus Lennertz, médico de grande respeito e fama por ter descoberto a pretensa cura do vírus Ius, mas que carrega em segredo o fato de não ter achado a verdadeira cura.

A trama é ambientada numa cidade com ares futuristas, onde os aparatos eletrônicos parecem conformar a cidade como o microcosmo do caos. E, de forma paradoxalmente interessante, a narrativa elege esse mesmo caos como forma de organização. Explora com sobriedade a contradição subsistente na equação que envolve ambos, caos e organização. Pois somos apresentados a uma cidade recém liberta de um vírus devastador, e aos poucos somos informados sobre uma outra “sociedade”, organizada e secreta, que elege o caos, enquanto esquema teórico, para pautar suas ações dentro do enredo.

O autor deixa claro, já na orelha do livro, alguns de seus principais influenciadores, tais como Philip K. Dick, Richard Matheson e Stephen King. São nomes que revolucionaram a literatura de suspense envolvendo o insólito, mas é inegável também que, transformadas em clichês, suas contribuições redundaram em verdadeiras fórmulas. Grande questão da literatura, da arte como um todo, o “genial” repetido virando clichê.

No entanto, a aplicação de uma fórmula consagrada e/ou desgastada requer do autor, antes de tudo, uma grande percepção dos mecanismos subjacentes a essa fórmula, e não se trata apenas de aplicá-la a um texto. A simples posse de uma “fórmula” desprovida dessa percepção geraria um texto rígido e petrificado em sua estrutura receituária – mortuária, por assim dizer.

A seita do caos oscila na busca por um estilo sóbrio e maduro, alcançando por vezes uma linguagem leve e bem própria, mas em outros momentos acaba repisando clichês do gênero, como o próprio “em um futuro nem tão distante” da introdução. Fato que não acarreta em perda da fluência narrativa, sendo essa mesma fluência uma característica marcante do texto. A seita do caos não esconde fazer uso de uma “fórmula”, contudo parte dela para a construção de um enredo que, se não chega a ser inovador, no mínimo proporciona bons momentos de leitura. Não seria esse um dos traços que mais nos aguçam o desejo de ler um livro?

